

Greve dos policiais, rebelião dos presos

TAÍS BRAGA

Uma rebelião atrás da outra. Menos de 24 horas depois de um motim na 23ª DP (Ceilândia) e de outro na 26ª DP (Samambaia) e após três dias de greve da Polícia Civil, 54 detentos voltaram a se rebelar em Samambaia. Para conter a rebelião, ontem pela manhã, foram mobilizados 100 policiais militares, além de policiais da Divisão de Operações Especiais da Polícia Civil. Os presos destruíram três celas, tomaram o corredor da delegacia, conseguiram chegar ao portão principal que dá acesso à entrada do prédio, mas foram controlados antes que causassem maiores problemas.

O delegado Erivelton Bernardes informou que os criminosos conseguiram serrar duas barras de ferro da cela de número quatro e, em seguida, arrombaram os cadeados de outras três celas. A delegacia possui cinco celas. Uma delas estava interditada porque os detentos haviam cavado um túnel de cerca de oito metros, em direção ao pátio da delegacia. Descoberto na terça-feira, ele seria fechado com concreto na manhã de ontem. Do total de 72 presos instalados na 26ª DP, apenas 18 permaneceram na cela de número um e não participaram da rebelião.

Pouco depois das 10h, os presos solicitaram a presença do delegado no corredor. Experiente, Erivelton desconfiou do convite e respondeu que não iria de imediato. Os detentos, então, atearam fogo a um lençol e o atiraram ao corredor de acesso às celas. Neste momento, o delegado solicitou o reforço da PM. Foi a hora exata. Além de escaparem das celas, os detentos — muitos deles com o rosto encoberto por camisetas — quebraram lâmpadas, telhas e cadeados e derrubaram as grades de sustentação das celas. A intenção era derrubar uma parede e fugir pelo fundo da delegacia, segundo explicou Erivelton.

Os rebelados foram controlados com bombas de gás lacrimogêneo pelos policiais que entraram na ala das celas. Ninguém ficou ferido, embora uma ambulância do Corpo de Bombeiros estivesse de plantão no pátio da delegacia. O delegado Erivelton atribuiu à superlotação das celas a causa da rebelião. "Estamos reféns do sistema de carceragem. Desde dezembro, os presos têm feito isso", completou. Os detentos da 26ª DP são considerados muito perigosos. Um deles é assaltante de banco e os demais estão presos por latrocínio, assalto, estupro e tráfico de drogas. Dez já foram condenados e 62 aguardam julgamento. Ainda pela manhã, 20 presos foram transferidos temporariamente para outras delegacias.



REBELADOS foram dominados por 100 policiais militares, que usaram bombas de gás lacrimogêneo



CELAS da 26ª DP, em Samambaia, ficaram totalmente destruídas

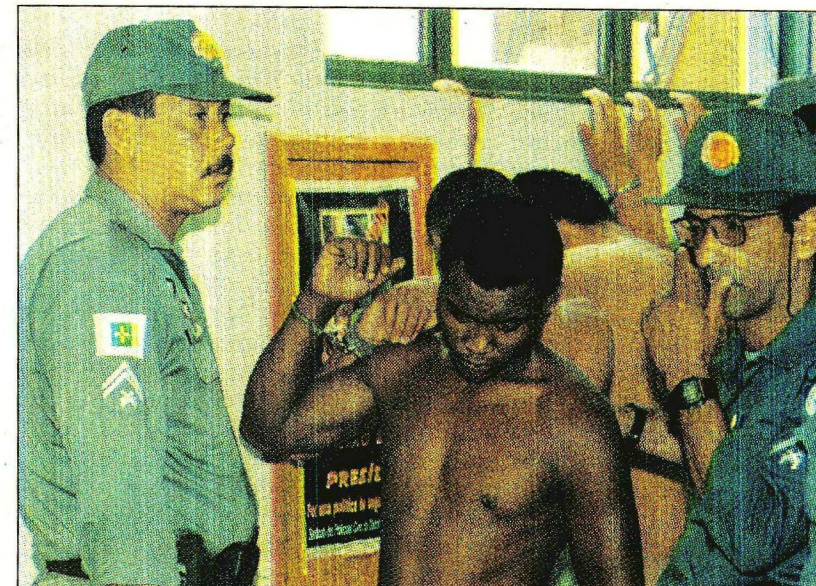
Superlotação é principal causa

O delegado Erivelton Bernardes, titular da 26ª delegacia, em Samambaia, negou que a rebelião dos presos tenha acontecido em virtude da greve dos policiais civis. Ontem, explicou o delegado, era dia de visita na delegacia, mas ela foi suspensa porque os detentos haviam realizado um motim na madrugada anterior, conforme noticiou o **Jornal de Brasília**. Ele explicou que a superpopulação das celas vem provocando diversos protestos e movimentos semelhantes desde o final do ano passado. "Já desisti de procurar lugar para transferir os detentos. A Papuda não recebe, o NCB (Núcleo de Custódia de Brasília) também não. Ninguém tem espaço para preso".

No momento da rebelião, estavam de plantão cinco agentes, um escrivão e um delegado, segundo informou um policial. O presidente do Sindicato dos Policiais Civis, Hugo Souza Silva, foi até a delegacia para acompanhar o desenrolar da rebelião e garantiu que 305 das atividades desenvolvidas pelos policiais civis estavam garanti-

das, conforme estabelece a Lei. Segundo o sindicalista, há a determinação de que os policiais compareçam ao local de trabalho, ainda que não executem as suas funções. Hugo também atribuiu à superlotação o motivo da rebelião. "Há um ano, fazemos uma campanha para evitar a utilização de celas de delegacias como presídio", lembrou.

Quando começou a rebelião, os policiais grevistas assumiram os seus postos e cercaram toda a delegacia, para impedir alguma tentativa de fuga. Outros policiais, informados da ocorrência, foram até o local para oferecer ajuda. "Não se trata de furar a greve. Estamos cumprindo a nossa função e garantindo o atendimento em situação de emergência", esclareceu Hugo. A greve dos policiais civis já dura quatro dias. Apenas os serviços de investigação e registro de crimes hediondos, a manutenção das instalações físicas e a garantia da integridade física dos presos não foram paralisados.(T.B.)



VINTE detentos foram transferidos ontem para outras delegacias

Fotos: Ruy Baron